

AS REPRESENTAÇÕES RACIAIS NAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS IMAGENS DO NEGRO

Suely dos Santos Souza¹ (UEFS)
mission.suely@hotmail.com

Elenize Café dos Santos² (UEFS)
elenize_cafe@yahoo.com

Gláucia Maria Costa Trinchão³ (UEFS)
gaulisy@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é uma análise de representações raciais, especificamente do povo negro, contidas nas imagens do livro didático. O objetivo é analisar os indicadores de concepções raciais presentes em algumas imagens desse instrumento didático, que denotem ideologias expressas em conceitos de racismo, preconceito, discriminação que resultam na desvalorização do outro.

O estudo é parte do desenvolvimento de pesquisa acadêmica realizada no curso de Mestrado em Educação, cujo início se deu no curso de Especialização em Desenho com Ênfase em Memória e Registro, ambos na Universidade estadual de Feira de Santana/ UEFS. Nesse aspecto, a pesquisa ainda se encontra em andamento, cujos estudos estão em processo de revisão e aprofundamento.

É de grande relevância que análises ao livro didático sejam realizadas constantemente, pois, por ser este, um instrumento pedagógico de grande importância pedagógica, o mesmo é utilizado em todas ou quase todas as séries do Ensino Fundamental.

Nesse aspecto, consideramos nessa pesquisa a importância de analisar o livro didático como instrumento pedagógico, não somente no que se refere ao seu conteúdo textual, mas principalmente, quanto às imagens que o compõem e dinamizam sua estrutura, pois as mesmas, como forma de representação e interpretação do mundo, são capazes de exteriorizar concepções, idéias e valores preconizados por pessoas que contribuem para a produção e

¹ Pedagoga, Especialista em Desenho, Mestranda em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana;

² Licenciada em Letras, Especialista em Desenho, Mestranda em Desenho da Universidade Estadual de Feira de Santana;

³ Professora e Coordenadora da Pós-Graduação em Desenho: Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana.

transmissão de cultura e ideologias, concepções estas, que se tornam parâmetros para os educandos inseridos em nossa sociedade.

Uma abordagem qualitativa foi escolhida para alcançar o objetivo proposto, porque esse tipo de abordagem é essencialmente descritiva, levando em consideração a subjetividade dos processos e relações e tem como base a percepção de um fenômeno num contexto (TRIVIÑOS, 1987). A investigação selecionou o livro didático: História - 5º ano, da Editora Moderna, Projeto Buriti, utilizado na rede municipal de ensino de Santo Estevão-BA, como fonte de pesquisa empírica. Destes, selecionou-se três imagens que fazem referências ou têm relação com o conteúdo analisado, e utilizou-se da análise de imagens conforme Joly (1994), que nos ajuda a compreender o modo como a composição de uma imagem comunica e transmite mensagens, nos auxiliando na percepção do que tais imagens conseguem despertar e/ou produzir em nós a partir do que já temos interiorizado em nosso convívio social e histórico.

Aborda-se aqui, então, a presença do negro no Brasil Império, período ilustrado pelas imagens selecionadas e analisa-se três imagens destacadas do livro História – 5º ano, com o objetivo maior de despertar a visão crítica dos educadores sobre indicadores ideológicos contidos em imagens no âmbito escolar.

A presença do negro no Brasil Império

O período que compreende o Brasil Império retrata o momento da história em que acontecia a escravidão dos negros africanos pelos brancos europeus, período este marcado pelo tráfico negreiro caracterizado por muita crueldade, por meio de castigos, maus tratos e injustiça social. À mão de obra negra era relegado o trabalho braçal e todas as atividades que exigiam o esforço físico, e ainda havia os escravos domésticos que cuidavam dos afazeres das casas de seus senhores. Essa época retrata como os negros foram espalhados pelo território brasileiro e como contribuíram para aumentar a riqueza de seus senhores, mas também sua resistência e sofrimento. Cruz (s.a, p. 5,6) diz que:

(...) o trabalho escravo negro era essencial nas mais variadas atividades e desempenhava todos os trabalhos necessários à vida no Brasil naquele momento. O braço negro esteve presente nas lavouras do Norte e do Sul do país, nos serviços domésticos, nas aglomerações urbanas sendo que o desenvolvimento da economia brasileira na época colonial está intimamente relacionado com o desenvolvimento da escravidão no Brasil, (...) criou-se todo um sistema de dominação através da coerção e repressão. Estas foram, portanto, as bases de sustentação do escravismo no Brasil e explicam a grande duração do mesmo.

Nesse aspecto, os negros que se tornaram essenciais para o desenvolvimento econômico de então, eram também as maiores vítimas da injustiça social da época, passando a serem alvos de preconceitos e discriminação, pela sua cor e raça, advindos da situação histórica desse povo.

Nos livros didáticos, os negros sempre foram retratados dessa forma por meio de imagens que ilustram sua entrada e permanência nas terras brasileiras, as relações que se estabeleceram entre estes e a sociedade branca colonial, mas muitas delas sob o olhar da imagem do racismo que se estabeleceu no pensamento social. É visível que:

O racismo contamina o imaginário social afetando as relações sociais e hierárquicas atuais. Estabelece-se assim um ciclo de racismo entre gerações que ao ter esse conhecimento dos livros didáticos perpetua o mesmo enredo nas escolas. (...) encontraremos o escravo negro em condição submissa onde retratam uma visão estereotipada e violenta que reafirma a subalternidade do negro e seu lugar de “coisa” e passiva” diante da violência que foi submetida. Essas imagens de espaços de submissão, que se instauraram no pensamento coletivo pedem para ser ressignificadas (...) (AZEVEDO, 2011, p.05).

Tais imagens expressam o conteúdo eurocêntrico estereotipado que se mostra determinante no que se refere a esse assunto, e que por muitas décadas permaneceu no imaginário popular. O branco e sua cultura sempre ganharam predominância nas representações contidas nesse material, este sempre esteve em posições de destaque, nas melhores profissões e ilustrados como exemplos de beleza e domínio, exteriorizando a concepção de superioridade da raça branca sobre a negra, reflexo da construção social histórica.

Já o personagem negro em todo esse contexto, na grande maioria dos livros didáticos, sempre esteve relegado à segundo plano, como personagem de terceira classe, pessoas indignas de respeito e consideração. Também comparado a animais, o negro era ilustrado como figura destituída de beleza, inteligência e cuja cultura não merecia respeito e consideração, através de imagens negativas e inferiorizadas.

Para Luiz e Souza, os negros:

(...) foram associados a um número limitado de atividades profissionais e representados principalmente em posições de menor prestígio; foi recorrente nas obras a associação de crianças *negras* a animais pretos e/ou a figura dos meninos de rua; foi realizada uma descrição dos *negros* como meros coadjuvantes das ações e dos processos históricos, sendo invisibilizados os contextos socioculturais típicos dos negros; as culturas africanas não foram tratadas de modo complexo; as *populações negras* estiveram confinadas a determinadas temáticas; em vários casos enfatizou-se simplificadamente a

vinculação da transformação do escravo no marginal contemporâneo; em alguns casos foi dado destaque a manifestações individuais de resistência negra, mas não a manifestações coletivas. (LUIZ; SOUZA, s.a., p. 4)

Nesse aspecto, é constatado que o preconceito e a discriminação que a sociedade possuía e ainda possui, de forma mascarada, por esse povo também se expressa no livro didático e que os mesmos refletem as concepções antagônicas entre o branco e o negro e dessa forma:

(...) esses livros veiculam a relação opressor-oprimido, o branco é o representante da espécie com atributos tidos como universais (...) evidenciou-se pelo desempenho das atividades profissionais mais diversificadas. O negro foi associado a personagens maus, à sujeira, à tragédia, à maldade. O branco representou os santos, os ricos e os heróis. (SILVA, 2004, p. 29)

Tais concepções revelam uma noção de superioridade da raça branca em detrimento da raça negra, o que relega ao negro somente a posições subjugadas e submissas e sua figura sempre se encontra associada ao que não é bom, desejável e nem admirável.

Diante dessa reflexão, e também tendo em vista o momento histórico retratado aqui, analisa-se imagens contidas no livro História - 5º ano, para investigar a concepção que este livro, considerado atual, retrata acerca do personagem negro, e o que constata-se é relatado a seguir nas observações feitas a três imagens selecionadas.

Análise de imagens do livro História - 5º ano

A primeira imagem acerca do povo negro analisada é a imagem da “Negra com o filho”, que retrata uma jovem senhora negra carregando seu filho nas costas. Segundo Jovino “(...) O ato de trazer crianças amarradas às costas “a fim de conciliar o trabalho com os cuidados à criança” era um hábito cultural existente na África antes da colonização do Brasil. (...) era largamente empreendido por mulheres negras e mestiças que circulavam no meio urbano”. (JOVINO, 2007, In. OLIVEIRA; AGUIAR; SILVA, et. al. 2007, p. 31)



Imagem 01: Negra com o filho – Fonte: História – 5º ano. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007, p. 76.

Esta imagem, então, retrata um costume, herança da cultura africana, que de uma forma geral é bastante interessante, analisando o contato entre mãe e filho e a funcionalidade dessa ação. No entanto, olhando com um pouco mais de atenção para a imagem, notamos que os personagens são ilustrados de forma caricaturada, com fisionomia desumanizada, doentia e animalizada. Silva (2004, p. 55) diz que “a criança negra era é associada ao macaco, na expressão facial, no vestuário e nas atividades que desempenha”.

Dentre as concepções históricas também, por muito tempo uma forte noção de degradação física e moral acerca do povo negro dominou as convicções européias e dos colonos. Os negros eram considerados, por causa da cor de sua pele, portadores de incapacidades intelectuais e de uma inferioridade natural. Sobre isso, Silva ainda diz que “desde a chegada do negro ao Brasil, o colonizador tenta justificar a escravidão, a opressão e a marginalização a que é submetido esse povo, através da atribuição de uma pretensa inferioridade, e mesmo uma não-humanidade”. (op.cit. p. 31)

Tal concepção ideológica é bastante nociva às crianças e ao povo negro de uma forma geral, fazendo com que a sociedade desenvolva um sentimento de rejeição e desprezo, colocando as pessoas, por sua vez, frente aos conceitos antagonistas entre raças. Assim,

A ideologia da inferiorização, além de causar a auto-rejeição, a não aceitação do outro assemelhado étnico e a busca do branqueamento, internaliza nas pessoas de pele clara uma imagem negativa do negro, que as leva a dele se afastarem, ao tempo em que vêm, na maioria das vezes, com indiferença e insensibilidade, a sua situação de penúria e o seu extermínio cultural e físico. (SILVA, 2004, p. 36)

Tal sentimento e concepções necessitam urgentemente serem trabalhados e desconstruídos em nossa sociedade e principalmente no que se refere ao convívio escolar que deve refletir um ensino democrático e contextualizado, buscando a igualdade entre os cidadãos.

As imagens, analisadas a seguir foram unidas aqui em uma só para se proceder uma melhor comparação. São utilizadas no livro História – 5º ano para abordar o assunto das festas populares no tempo do Império. Temos então, uma imagem ilustrando a festa do povo negro e outra ilustrando uma festa católica, a festa do divino.

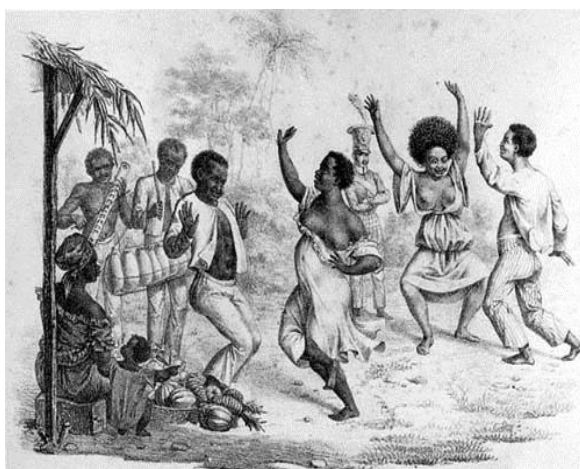


Imagem 02 - Batuque em São Paulo - Fonte: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/edu/produto/escravidao/resistencia2.htm



Imagem 03 - Festa do Divino - Fonte: Livro de História. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007, p. 56)

Comparando as festas populares na época do Império, o texto verbal se refere a elas explicando a festa do divino como uma manifestação católica e explica sua dinâmica religiosa, já quando fala da festa dos negros, o Batuque em São Paulo⁴, refere-se à mesma como “outra festa que reunia pessoas era **o batuque dos pretos**” (História, 2007, p. 56), dizendo que no dia de Santa Ana os escravos e homens livres cantavam e dançavam.

Essa imagem reflete claramente a concepção de degradação física e moral que se tinha dos negros. As pessoas são ilustradas descalças, o que era “um dos símbolos de subalternização que marcam a escravidão na iconografia do séc. XIX” (JOVINO, 2007, In. OLIVEIRA; AGUIAR; SILVA, et. al. 2007, p. 30), de maneira deformada, novamente com aparência animalesca e ainda as mulheres que dançam estão vestidas vulgar e desleixadamente, com roupas que deixam à mostra seus seios enquanto dançam. Vemos ao fundo que um homem branco, um guarda talvez, observa a cena com os braços cruzados e

⁴ Imagem retirada da Internet devido a má qualidade da mesma no livro pesquisado.

uma postura de desprezo. O mesmo está ali para garantir que a ordem não será perturbada. Enquanto na outra figura, os personagens aparecem de maneira austera, elegante e ordeira, passando uma postura de serenidade e superioridade cultural.

A exposição dessas cenas e o silêncio em relação a posteriores esclarecimentos, deixa explícita a concepção estereotipada acerca da cultura negra, confirmando que:

A discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes freqüentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados pela burguesia comerciante e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas. (FERRETTI, 2007, p. 03)

Fica claro que não há intenção alguma nesse livro de desconstruir preconceitos e estereótipos em relação ao povo negro e sua cultura, o mesmo contribui para a continuação da visão simplificada da cultura negra, dando continuidade à visão negativa do negro e da sua cultura, como um grupo racial étnico de menor ou nenhuma importância para a nação brasileira.

Isso se contrapõe ao que foi promulgado e está sendo discutido em todo o cenário nacional, começando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB, art. 26º, parágrafo quarto, que diz que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia”. (BRASIL. MEC, 1996) E também com a promulgação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, prevendo uma ação mais contundente para valorização da cultura negra brasileira e africana. Essa lei exige o ensino da contribuição da cultura negra e do negro na formação da sociedade nacional e da cultura brasileira, resgatando a importância dos afrodescendentes nas áreas econômica, social, política e cultural, pertinentes à constituição histórica do Brasil.

Nesse aspecto o ambiente escolar e os instrumentos pedagógicos precisam se adequar as novas realidades, as novas visões e novos conceitos que estão sendo construídos mediante lutas e reflexões sobre conceitos, valores e concepções sobre a cultura afrodescendente e o povo negro brasileiro. Para isso, os movimentos étnicos raciais há décadas empreendem esforços para conseguir o lugar que lhe é devido na sociedade brasileira, com o respeito e a valorização que merece este povo. Estes possuem “como tarefa, além da denúncia, a reinterpretação da realidade social e racial brasileira e a reeducação da população e do meio acadêmico”. (MORAES DE SÁ, 2010, p. 10)

Afirma-se aqui que temos ciência de que as imagens presentes no livro História - 5º ano estão sendo utilizadas em representação à época mencionada – Império - no entanto, afirma-se também que o livro estudado teria a possibilidade de trabalhar melhor e mais contextualizada e democraticamente esse conteúdo, preocupando-se em analisar e refletir sobre a presença desse personagem, bem como sua cultura no país.

Dessa forma, uma parte do conteúdo que encontra-se na categoria de reflexão das unidades poderia trazer a discussão sobre o negro e seu papel na sociedade brasileira, suas influências na língua, nos costumes, na constituição biológica do povo brasileiro, bem como na cultura como um todo, buscando desconstruir as concepções estereotipadas e preconceituosas que foram estabelecidas no ideário da sociedade brasileira acerca desse povo, povo que como cada brasileiro - independente de cor ou raça faz parte da nação, merece respeito, valorização, possui direitos e deveres, como qualquer cidadão.

Diante disso, ressalta-se nesse trabalho a importância de se analisar o que dizem as imagens, pois as mesmas possuem em si significados e propriedades comunicativas que vão além do texto verbal e como texto não-verbal, produzem efeitos diversificados em nossa memória e em nossas concepções.

A esse respeito, Arnheim (2002) ao falar sobre o simbolismo na arte preconiza que em uma produção artística, o assunto e seu arranjo são planejados e pensados para corporificar uma idéia, dessa maneira, o conjunto de fatos visuais serve para objetivos definidos e, assim, tais componentes visuais não são nem arbitrários e nem um mero jogo de forma e cores, mas servem para dar corpo a um universo invisível.

Leite (1998, p. 44) diz que “ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores”.

Nesse aspecto, pode-se afirmar, então, no contexto específico dessa pesquisa, que as imagens selecionadas no livro didático História - 5º ano, estão longe de serem artifícios neutros, pois estas acolhem significados diversos, que permitem interpretações também diversas, na medida em que o receptor passa a decodificá-los de acordo com sua capacidade cognitiva consciente ou inconscientemente.

Sobre isso Carlos (2010) diz que a imagem possui uma função mediadora e constituinte do pensar e do fazer educativo, voltado para a criação e organização dos lugares sociais e para a constituição dos sujeitos, dessa forma, é preciso preparar sujeitos que assumam a posição de leitores críticos de imagem.

A educação, então, é a responsável por manter o diálogo com o conhecimento acerca de imagens, descortinando as diversas facetas de interpretação das mesmas para que as ideias implícitas nas diversas imagens, e aqui especificamente naquelas inseridas no livro didático História - 5º ano, não sejam ignoradas ou inconscientemente apreendidas, se por acaso forem nocivas às noções democráticas de sociedade. Ela deve garantir que os indivíduos desenvolvam uma criticidade, saindo do estado de consciência ingênua ao serem conduzidos por uma prática dialógica e reflexiva.

Nessa pesquisa então, busca-se essa relação ao se aplicar esses conhecimentos na análise das imagens do livro didático História – 5º ano que, enquanto instrumento didático, representa um dos mais importantes instrumentos na metodologia utilizada nas escolas públicas de Educação Básica.

Considerações finais

Levando em consideração que o livro didático ganhou uma importância crescente na educação em nosso país, principalmente nas escolas públicas, onde a realidade que se constata é que os educandos não possuem muitas alternativas metodológicas e na, grande maioria dessas escolas, não lhes é oferecido instrumentos pedagógicos diversificados, uma nova postura precisa ser adotada pela sociedade e pela comunidade de educadores e nesse aspecto, é importante conceber uma nova maneira de olhar o conteúdo imagético dos livros didáticos.

Afirma-se aqui o valor e potencial da imagem para um ensino que busque a excelência. Sua contribuição é imensa, no que se refere a trabalhar o imaginário, a memória, a identificação de elementos, dentre outros aspectos. A imagem como instrumento pedagógico possui valor inestimável, algumas vezes até dispensando o texto verbal, pois esta individualmente consegue transmitir conhecimentos e mensagens diversas e satisfatórias.

No entanto, quando nos referimos à composição de um instrumento direcionado às massas da população fica evidente que não é do interesse dos poderes sociais, políticos e econômicos que sejam trabalhadas a consciência crítica e a mente reflexiva, pois, dessa forma, a ideologia que por séculos determina as relações sociais e produtivas, pode ser desmascarada, rejeitada e resistida.

Nesse aspecto, é importante que busquemos decodificar as mensagens ideológicas contidas nas imagens, mensagens estas que podem ter significados diversos, tanto para apresentar idéias, valores e concepções libertadoras e emancipatórias, como o contrário

também pode ser verdadeiro, e nessa relação, mensagens danosas à consciência crítica cidadã podem ser transmitidas sutil e discretamente.

As imagens aqui analisadas se referem a um povo que por séculos vem sendo massacrado, discriminado e relegado ao plano social inferior. Com muita luta e determinação os negros têm conseguido mudar essa situação, e a sociedade atual já reconhece o valor da raça negra para a constituição da nação e para a formação social, cultural e biológica do povo brasileiro. Mas sabe-se que, mesmo nos dias atuais, muito do preconceito historicamente construído permanece arraigado na memória nacional.

No entanto, não se pode mais conceber que um instrumento, de cunho democrático, como é o caso do livro didático, ainda nos dias de hoje reproduza tais conceitos, seja em seu conteúdo verbal ou imagético, diante disso, destacamos a importância desse estudo para uma educação realmente contextualizada e democrática.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Trad. Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2002;

AZEVEDO, Evelyn Louise Almeida de. **Imagens de escravidão negra no livro didático de história após**: a lei 10.639/03. XI Congresso Luso afro-Brasileiro de ciências sociais. Salvador: 2011. Disponível em:
http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306761165_ARQUIVO_evelyn_cefet.pdf. Acessado em: 07 de março de 2012;

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado em: 07 de março de 2012;

BRASIL. Diário Oficial . **Decreto nº 91.542 DE 19 de Agosto de 1985**. p. 12178 Seção I. Disponível em:
http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31. Acessado em: 07 de Março de 2012;

CARLOS, Erenildo João (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFBP, 2010;

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. Análise iconográfica do trabalho escravo no Brasil a partir de uma pintura de Debret. Disponível em:
<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1521/1283>. Acessado em: 07 de março de 2012;

FERRETTI, Sergio F. **Preconceitos e proibições contra religiões e festas populares no maranhão**. IX Simpósio anual da Associação Brasileira de História das Religiões em Viçosa,

MG. 2007. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Preconceitos.pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2012;

HISTÓRIA. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007;

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagens**. Campinas- SP: Papyrus, 1994;

LEITE, Míriam L.M. **Texto visual e texto verbal**. In. FELDMAN- BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L.M. (orgs) **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998;

LUIZ, Janailson Macedo; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. **Iconografia e livro didático de história: um outro olhar acerca das representações imagéticas sobre as populações negras**. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2016%2020Janailson%20Mac%C3%AAdo%20Luiz%20TC.PDF. Acessado em: 06 de março de 2012;

MORAES DE SÁ, Wellington Santana. **A presença do negro no livro didático de história do ensino fundamental: uma primeira análise**. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/WSMS2010.pdf>. Acessado em 07 de março de 2012;

OLIVEIRA, Iolanda; AGUIAR, Márcia Angela; SILVA; Petronilha Beatriz Gonçalves, (et. al.)(orgs.). **Negro e educação 4: linguagens, educação, resistências e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, ANPED: 2007);

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004;

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa social: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987;